

A formação de professores: “diálogos” sobre a história da cultura Afro- brasileira, educação, racismo e religião

*The Training Of Teachers: "Dialogues" About The History Of
Afro-Brazilian Culture, Education, Racism And Religion*

Geisa Hupp Fernandes Lacerda¹

Antonio Michel de Jesus de Oliveira Miranda²

Edeson dos Anjos Silva³

Resumo: O presente artigo debate a formação de professores numa perspectiva inicial, com linhas da História da Cultura Afro-brasileira e religião afro, a fim de compreender como as falas docentes e discentes delineiam os movimentos dialéticos da disciplina de História da Cultura Afro-brasileira promovida em uma IES privada, localizada no município da Serra-ES. Para tanto, objetivou-se discurrir a formação de professores num enfoque antirracista, no intuito do combate ao racismo patriarcal e intolerância religiosa, fomentando um processo dialético de ação-reflexão-ação. Para a construção deste trabalho, o arcabouço teórico fundamentou-se em Munanga (2006), Caputo (2012), Carvalho (2007) e demais

Artigo recebido em: 11 de nov. 2018

Aprovado em: 16 de mai. 2019

¹ Mestranda em Ciências das Religiões (PPGCR-UNIDA), graduada em Pedagogia, professora no curso de licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário do Espírito Santo - Unesc, Campus II, localizada no Município da Serra, Espírito Santo, Brasil. ge.lacerda@hotmail.com

² Mestrando em Ciências das Religiões (PPGCR-UNIDA), professor educação básica SEMED Buriti dos Lopes-PI e SEMED Tutóia-MA. Tutor Ead-Uespi/Nead. educadormichel@gmail.com

³ Mestrando em Ciências das Religiões (PPGCR-UNIDA), licenciado em Ciências –Habilitação Plena em Matemática. edeson.anjos@hotmail.com

intelectuais. A partir das discussões, percebeu-se que o contexto racista pode e deve ser desvelado pelo professor como promotor de práticas reflexivas antirracistas, combatendo a discriminação racial e a intolerância religiosa.

Palavras-chave: História da cultura Afro-brasileira, racismo religioso, Educação

Abstract: This article discusses the formation of teachers in an initial perspective, with lines of the History of Afro-Brazilian Culture and Afro-Brazilian religion, in order to understand how the teachers and students speak outline the dialectical movements of the History of Afro-Brazilian Culture discipline promoted in a private HEI, located in the municipality of Serra-ES. In order to do so, the objective was to discuss the formation of teachers in an anti-racist approach, in order to combat patriarchal racism and religious intolerance, fomenting a dialectic process of action-reflection-action. For the construction of this work, the theoretical framework was based on Munanga (2006), Caputo (2012), Carvalho (2007) and other intellectuals. From the discussions, it was perceived that the racist context can and should be unveiled by the teacher as a promoter of reflexive antiracist practices, combating racial discrimination and religious intolerance.

Keywords: History of Afro-Brazilian culture, Religious racism, Education

Introdução

Este trabalho se propõe a descrever, no primeiro momento, a trajetória da formação de professores de formação inicial (graduandos) na disciplina de História da Cultura Afro-brasileira, religião afro-brasileira, e de forma secundária, analisar o cotidiano escolar, articulando um diálogo com os saberes e fazeres no campo de História da Cultura Afro-brasileira do município da Serra-ES, mediando a cosmovisão do debate racial e intolerância religiosa⁴.

Diante destes pressupostos esta pesquisa se fundamentou na Lei 10.639/2003⁵, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da

⁴ O termo intolerância religiosa neste artigo será substituído por racismo religioso apoiados em Flor do Nascimento (2014), aborda as religiões afro sofrem diversos preconceitos, como base estrutural atrelado ao preconceito racial. “São religiões que sustentam um não cristianismo de origem negra”. FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Afrorreligiosidade na mira do racismo. Correio Braziliense. p. A11, Acesso em: 03/03/2014.

⁵ Diretrizes curriculares nacionais de História da Cultura afro-brasileira que propõe o resgate histórico dos africanos em terras brasileiras dialogando com interfaces da cultura, artes, aspectos religiosos entre outros.

Educação Nacional, Lei 9.394/1996, tornando obrigatória a inclusão no currículo da Rede Oficial de Ensino a temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Uma vez que, as narrativas que envolvem homens e mulheres negras no Brasil⁶, apontam que persiste a desigualdade na sociedade e, no contexto escolar, conforme pesquisa do INEP (Instituto de pesquisa Anísio Teixeira)⁷ demonstram através do censo escolar, que apenas 24% das escolas, debatem a temática de história da cultura afro-brasileira.

Há dessa forma, uma necessidade de aprofundar a temática etnicorracial que interligam os eixos do racismo religioso, religião afro-brasileira, demonstrando a necessidade de um caminho a ser explanado na formação de professores, tecido com urgência de mover uma educação antirracista e desvelamento de currículos eurocêntricos.

O contexto empírico desta pesquisa foi um centro de ensino superior privado localizado no município da Serra- ES, que agregou no seu curso de licenciatura em Pedagogia, na sua grade curricular, a disciplina de História da Cultura Afro-brasileira, com objetivo de provocar movimentos contrários aos processos de acentuação das desigualdades aos homens e mulheres negras, dentre outros atos que possam culminar no também racismo religioso⁸.

Nos objetiva ainda, conhecer e descrever o movimento dialético que a disciplina provoca nos discentes/licenciandos⁹, bem como, o possível campo profissional para a atuação destes futuros docentes, que supostamente serão submergidos em contextos advindos da pluralidade etnicorracial.

⁶ De acordo com IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a soma da população negra é a adição dos homens e mulheres declarados pardos e negros.

⁷ Brasil Censo Escolar. Disponível em: <http://inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 20 de março de 2018.

⁸ “O termo “racismo religioso” utilizado em um texto acadêmico brasileiro em 2012, no Trabalho de Conclusão de Curso de Claudiene dos Santos Lima”. (Flor do Nascimento, 2017, p.55)

⁹ Os discentes em questão são graduandos do curso de licenciatura em Pedagogia, as Diretrizes Curriculares Nacionais de (2006) desta licenciatura, agrega ao pedagogo a responsabilidade do planejamento e ações pedagógicas de diversas disciplinas, a relevância de entender e compreender a disciplina de Ensino Religioso na escola. Aprofundando na prática curricular de trabalho pedagógico interdisciplinar propondo trabalhos de cunho pedagógico que minimizem o racismo religioso.

Dessa forma, buscamos conhecer o cotidiano escolar dos alunos filhos de Santo¹⁰. Fomos ao encontro da coordenação de Estudos Afro-brasileiros da prefeitura de Serra-ES, setor pertencente à Secretária de Educação Municipal, que mediam a partir de uma ação-reflexão-ação, dialogando com os saberes produzidos na disciplina de graduação, intervenções, com encontros pedagógicos que, devidamente cartografados, contribuem de forma significativa para desvelar as amarras do cotidiano escolar reminiscentes ao processo do racismo religioso, interligado à religião afro-brasileira.

Diante destas questões elencadas, nossa problemática norteia-se em: há nas “falas” dos docentes e discentes intenções ao combate do racismo que possam ser postas em prática no âmbito escolar do município de Serra-ES?

Nesse panorama, o foco consistiu em perceber estas transformações ou não transformações, partindo de falas¹¹ que os docentes e discentes relatam sobre a disciplina. Entre essas questões no transcorrer da disciplina percebemos as seguintes alterações: 1) desvelamos o conceito de falsa democracia racial, 2) conceituamos o racismo e racismo religioso, 3) pontuamos incômodas em debater principalmente a religião afro devido narrativas eurocêntricas, 4) apontamos de forma coletiva práxis pedagógica que dialogue na perspectiva da interculturalidade¹², minimizando práticas eurocêntricas.

Assim, este trabalho, de forma sucinta, descreve a formação inicial de professores na disciplina de História da Cultura Afro-brasileira, interligando o setor de História da Cultura Afro-Brasileira pertencente à Secretária Municipal de Educação da Serra-ES, pontos de provocação sensíveis às práticas racistas e fenômenos que provocam o racismo religioso.

¹⁰ Entende-se por filhos de Santo: crianças/adultos, inseridas na religião afro na Umbanda o batismo usa o termo “amaci”, o Candomblé segue o preceito de “recolhimento” para posteriormente ser apresentado como “filho “daquela casa/ terreiro/barracão.

¹¹ De acordo com Lopes (2013) interpretam o processo das falas por sujeitos participantes no processo de invenção, denúncia e reinvenção saindo da posição de exclusão, segregação no caso específico deste trabalho o combate ao pensamento colonial.

¹² Candau aborda a interculturalidade como: “Perspectiva crítica, na qual estou enraizada, considero que a perspectiva intercultural é central para se avançar na produção de conhecimentos e práticas, assim como processos de ensino-aprendizagem e na promoção de uma educação escolar orientados a colaborar na afirmação de uma sociedade verdadeiramente democrática em que justiça social e justiça cultural se entrelacem”. (2012, p. 134-135)

1. História da Cultura Afro-Brasileira e a formação de Professores: Dialogando Com Alguns Teóricos.

Fomentar a relevância da disciplina de História da Cultura Afro- Brasileira,¹³ é articular o diálogo buscando valorizar a cultura negra, promovendo as interfaces de novos conceitos, propondo uma possível práxis referentes ao âmbito ideológico, social e cultural, desvelando uma cultura eurocêntrica. Compõe estabelecer que a temática etnicorracial é complexa para o trabalho pedagógico, devido “o mito da democracia racial”. O licenciando vivenciou em toda sua vida escolar uma base epistemológica hegemônica e um currículo “embranquecido”. Descortinar esse pensamento é fundamental, o âmbito educacional necessita tecer novas bases epistemológicas referentes à questão etnicorracial. No entanto podemos interpretar o âmbito educacional no seguinte contexto:

A escola, assim como toda a sociedade brasileira que trata o racismo como algo distante da realidade, não tem muita clareza de como abordar essa temática. A ideia de que não existem atitudes racistas no Brasil está presente não apenas no cotidiano social, mas também no escolar. Essa perspectiva tem propiciado, entre muitas coisas, um grande imobilismo e um crescente reforço na credibilidade da existência do mito da democracia racial.¹⁴

Dialogar, na formação inicial de professores, os fatos históricos da escravização, sua perpetuação durante séculos, os processos eugênicos entre a etnia e religião, a solidificação do racismo, torna-se fundamental para uma sociedade inclusiva, que possui o maior número de negros, fora da África. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2014) os negros (pretos e pardos), era a maioria da população brasileira em 2014, representando 53,6% da população brasileira.

Desse modo, torna-se urgente tecer o resgate histórico e cultural, mediando possíveis alternativas ao combate ao racismo, social ou religioso presentes na escola. A formação inicial de

¹³ O Centro de Ensino Superior localizado na Serra- ES, pioneiramente no estado do Espírito Santo, incluiu nas grades curriculares do curso de Licenciatura de Pedagogia em (2010) a disciplina de História da Cultura Afro-Brasileira, conforme a lei 10. 639/2003.

¹⁴ VERÍSSIMO, 2004,p.08

professores que trabalha essas exclusões partindo da História da Cultura Afro- brasileira corrobora por práticas antirracistas.

Neste sentido, novas possibilidades do debate acadêmico na formação docente se desenham, construindo uma prática pedagógica voltada as relações etnicorraciais contra uma violência simbólica¹⁵.

A cultura do racismo¹⁶ no âmbito escolar propagada, movendo as relações de poder, as formas de discriminação, perpetua caráter físico e/ou moral, religioso, que defende uma espécie de etnia com valores e culturas superiores. Neste sentido compreendemos racismo como:

O racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.¹⁷

O autor destaca a importância e relevância de debater aspectos contra as diversas formas de racismo, que propagam através de um processo ideológico dominante e inferioriza os outros nos casos específicos pardos e pretos.

O racismo religioso deve compor o colóquio nos espaços escolares, sua decorrência é através da pedagogia colonial movendo segregações. “A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado.”¹⁸

¹⁵De acordo (2007) a violência simbólica se impõe em uma relação de subjugação- submissão, resultando na dominação.

¹⁶Munanga (2006) discorre que o racismo no primeiro momento amplamente difunde pela ciência, entendida como biologização (cor da pele, traços morfológicos) as qualidades psíquicas, intelectuais e morais foram considerados no estudo a “raça branca” como superior a “raça negra,” devido o formato crânio (dolico cefálica), formato dos lábios, nariz projetou com sujeitos inferiores. Este conceito se estendeu para a narrativa social, projetando o racismo social gerando relações de dominação e poder.

¹⁷MUNANGA, 2006, p. 30

¹⁸QUIJANO, 2005, p.251

O racismo religioso na escola se propaga nas relações coloniais e eurocentradas, que demarcam a inferioridade, o Relatório de Intolerância e Violência Religiosa no Brasil¹⁹, aponta que 9% das formas de racismo religioso referente à pertença afro-brasileira acontecem na escola.

Caputo em seu livro, “Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé”, discorre sobre este fato, principalmente denunciando o racismo religioso com as crianças filhos de Santo, revela à discriminação, o racismo e a inferiorização da pertença religiosa.

A maioria dos depoimentos associa a discriminação religiosa à discriminação racial. Ao longo da pesquisa e em épocas diferentes, as crianças, que depois ficaram jovens e adultas revelaram que se sentiam discriminadas por serem do candomblé e por serem negras. Mesmo os adolescentes brancos disseram entender a discriminação do candomblé justamente por essa ser uma religião trazida pelos escravos e praticada por maioria negra. O mais triste é que alguns desses jovens, que já tiveram filhos, também veem seus filhos serem discriminados pelos mesmos motivos²⁰

A reflexão partindo da autora, através da pesquisa etnográfica com 25 anos de duração, acompanhando as crianças no terreiro de Candomblé nas escolas, presenciando as mesmas crescerem em diversos casos sendo insultadas, devido a pertença religiosa. Apontando que no âmbito escolar as crianças utilizam vários subterfúgios não se assumindo de religião-afro, sofrem diversas formas de violência (psicológica, simbólica, agressões verbais) entre outros.

O caso noticiado em mídias de jornais via meio impresso e eletrônico com o título: “Menina de Candomblé é agredida na escola verbalmente e fisicamente”²¹, o motivo das agressões de cunho físico e verbal no âmbito escolar, aconteceu devido a adolescente postar fotos nas redes sociais, em festividade num

¹⁹Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011 – 2015).

²⁰ CAPUTO, 2012, p.45

²¹

Disponível em:
<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/10/menina-praticante-de-candomble-e-agredida-por-intolerancia-religiosa.htm>. Acesso em 03 de Janeiro de 2019.

barracão de Candomblé, a adolescente é filha de santo, praticante dessa religião. Este fato consistiu em motivos para a mesma sofrer racismo religioso na escola.

Menina de Candomblé é agredida na escola verbalmente fisicamente:



Fonte: Pragmatismo político

As formas de violências referentes ao racismo religioso, seja verbal ou física, perpetuam na escola, principalmente no que tange a religião-afro. E os currículos hegemônicos contribuem para a propagação de práticas racistas.

Machado²² aponta o currículo naturalizado e centralizador na visão colonial, os materiais didáticos continuam eurocentrados, os docentes em sua maioria não possui formação seja inicial ou continuada, para tratar sobre a temática. É um processo penoso os atores da escola têm grandes dificuldades para inserir. A laicidade não encontra espaço efetivo no sistema educacional. As bases epistemológicas jesuíticas foram muito bem arraigadas, despir-se desta pedagogia no âmbito escolar é complexo. A aculturação e a falta de prática pedagógica intercultural são notórias. Sobre o resultado do currículo eurocentrado e práticas de aculturação temos a seguinte narrativa:

O desrespeito vivenciado por crianças de axé

²² MACHADO. Sandra. Uma cartografia da produção do racismo no currículo vivido no cotidiano escolar do ensino fundamental. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5981_Sandra%20Maria%20Machado.pdf. Acesso em: 04 de fevereiro de 20a19.

nas escolas brasileiras está profundamente enraizado no modelo de laicidade que por aqui se construiu. O manto da neutralidade, universalidade do direito e dos “uniformes” tem servido para escamotear estruturas de poder que elegem alguns valores (no caso citado, cristãos) como moralmente superiores e válidos, em detrimento de outras visões de mundo e formas de vida. Com uma só conduta são violadas duas dimensões fundamentais da construção da autonomia: a liberdade religiosa e o direito à educação.²³

Em um País adepto ao discurso laico, práticas de racismo religioso são rotineiras nas esferas escolares, exercícios de racismo estão enraizados na escola com frequência promovem um cenário de exclusão.

Neste paradigma, pensar em uma disciplina que aborde as relações etnicorraciais e aspectos religiosos, na licenciatura é basilar rompendo com um currículo hegemônico na formação inicial de professores.

O sentido da educação das relações etnicorraciais através da disciplina supracitada é a ruptura do racismo patriarcal, mediando à concretização dos direitos sociais dos negros, pressupondo direitos sociais garantidos, combatendo atitudes discriminatórias, levantando debates referentes à etnicidade, práxis pedagógicas que medeiam um novo cenário desbancando os pensamentos segregacionistas.

2. Metodologia

A pesquisa constitui-se de uma investigação qualitativa com base na cartografia, envolve pesquisa de campo e documental com movimentos coengendrados, onde se buscou elementos para cartografar, a partir das redes de conversações com docentes e discentes, a importância da disciplina da história da Cultura Afro-Brasileira na formação dos licenciandos, buscou-se analisar falas do cotidiano da escola, partindo do setor de relações étnico-raciais. Para o trabalho baseado na cartografia, Carvalho destaca que:

²³ PIRES; MORRETI, 2016, p.11

Uma pesquisa cartográfica designa-se como imetódica, ou seja, considera que não há um método capaz de captar a realidade em suas múltiplas manifestações, prescindindo, portanto do “rigor metodológico” das estratégias preestabelecidas. Assim tem-se como pressuposto básico deixar que as circunstâncias determinem a trajetória da pesquisa adotando uma perspectiva mais ou centrada no processo.²⁴

Para a autora, no trabalho baseado na cartografia não existe neutralidade, o pesquisador e os envolvidos no processo afetam-se durante o processo de investigação. Assim, configurou-se o trabalho a partir de uma busca cartografada das relações que se estabelecem entre os atores, envolvidos no contexto da graduação voltados a disciplina que envolve educação étnico-racial e cotidiano escolar.

Na pesquisa documental, coengendrada com o trabalho de campo, realizada no Centro de Ensino Superior de sistema privado localizado na Serra-ES e a realidade do cotidiano da Secretária Municipal, no setor de Estudos Afro-Brasileiro da prefeitura do município da Serra- ES. Os elementos documentais citados foram, catalogados e tiveram seus conteúdos analisados, para chegar-se aos objetivos propostos, foram utilizados os seguintes procedimentos:

- a) fichamento e organização de fontes documentais: análise da ementa juntamente com os docentes, objetivos da disciplina propostos, textos e outros documentos.
- b) observação participante: espera-se levantar o maior número de dados, sobre a abrangência da disciplina, e cotidiano escolar.
- c) conversações: é usada para complementar as informações que não se fizeram entender durante a observação participante.
- d) diário de bordo: é usado para registros das observações.

3. Algumas “falas” visualizadas

Geralmente, quando se inicia uma pesquisa, o olhar do pesquisador é direcionado às sutilezas, que nem sempre estão visíveis num primeiro plano. Ao adentrar-se na concretude da

²⁴ CARVALHO, Janete, M. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; DF: CNPq, 2009. p. 6.

pesquisa, *In loco*, logo referente a análise e proposta da disciplina da História da Cultura Afro-brasileira, com três anos de vigência na grade curricular, teve-se uma noção de como a/docente /discentes /são afetada/s no trato com as questões relacionadas a temática , e de modo posterior iremos trazer a fala do Setor de Cultura Afro-Brasileira, no município da Serra-Es , neste processo trazemos a fala da professora que retrata o movimento dialético de transformação, partindo da disciplina de História da cultura afro brasileira, transcrita a seguir:

No início dos semestres de trabalho, não são raras às vezes em que os discursos iniciais de alunos/as, me surpreendem, mesmo com experiência de pesquisadora da questão e a vivência de mulher negra. Entretanto, o mais gratificante era perceber que ao longo dos semestres, em função das leituras que vamos propondo e/ou ao final deles, tais discursos se apresentam completamente diferenciados. Isso aumenta ainda mais compromisso com a temática. (Fala docente Tereza Banguela)²⁵

Ao relatar o fato sobre o início o trabalho na disciplina no curso a professora ao desenvolve sua fala, nos seguintes pontos que propôs notoriedade “*não são raras às vezes em que os discursos iniciais de alunos/as, me surpreendem, mesmo com experiência de pesquisadora da questão e a vivência de mulher negra*” podemos analisar duas questões, a primeira que os discentes ao início da disciplina em sua maioria possuem discursos com desconhecimento na matriz afro-brasileira, aspectos históricos, culturais e religiosos, na rede de conversações com a docente titular pode-se notar que devido algumas temáticas étnico – raciais, é visível movimentos de certo incômodos nos corpos, o segundo ponto abrangente da fala é a vivência da docente em pesquisa relacionadas as relações étnico – racial, sua vivência de mulher negra a busca práticas transformativas a uma realidade sem práticas racistas. No entanto que no decorrer da disciplina é com aprofundamento no arcabouço teórico os discentes demonstrou introspecção à proposta da disciplina.

Buscando um elo com a fala docente sobre o início do semestre e visão do discente sobre negritude, racismo e relações étnico-raciais transcrevo uma fala do aluno que fez uma alta análise,

²⁵ Nome fictício

nesta descrição é notório ressaltar a falsa democracia racial e o racismo embutido em sua fala.

Sempre fui muito brincalhão, sou do tipo que faz brincadeiras com tudo, com a morte, com Deus, com a religião e com a cor das pessoas, independente da cor. Quando minha filha caçula estava para nascer, fiz uma brincadeira com minhas duas filhas mais velha. Disse a elas que a irmã delas nasceria branca, loura e com olhos azuis. Sendo minhas filhas negras, cabelos crespos e tendo os olhos negros. Para minha surpresa elas choraram com a notícia. Fiquei admirado, pois até então não me sentia preconceituoso, nem mesmo pertencendo ao grupo dos negros. Me via pertencendo a um grupo maior, do que o grupo dos seres humanos. Eu flutuava acima do bem e do mau [...] (fala discente Negritude)²⁶

Partindo do decorrer da disciplina o aluno mostra a seu conhecimento epistêmico sobre as questões da História da Cultura-Afro Brasileira seu aprofundamento nas leituras e práxis que levaram a um desvelar da desconstrução do mito da democracia racial e o principal seu posicionamento como negro na sociedade e profundo entendimento sobre a historicidade. E a discriminação que o negro passa na sociedade mesmo num país pós-colonialista.

[...] a cada pagina que lia, via as injustiças da escravização, as teorias genéticas e religiosas que tentavam em vão justificar a barbárie viram o governo brasileiro tentar devolver para a África e depois “importar” brancos dando a eles e elas “transassem” com nos para “melhorar” ou até mesmo acabar com a raça. Quando terminei a leitura eu era outro homem tinha sido “alçado”, não pertencia a uma posição apenas, a saber : a de ser humano, eu agora tinha um outro grupo, eu era um homem negro. Minha identidade foi resgatada. Minha visão simplista e ingênua foi rasgada a saber: a visão de pertencimento apenas a raça

²⁶ Nome fictício

humana. E junto com essa identidade resgatada veio também a solidariedade, a alteridade, a dor e a compreensão. Passei a ver que tentaram e ainda tentam exterminar a minha raça, meu povo. Comecei a perceber que quem morre sem atendimento médico é o negro, quem anda de ônibus superlotado é o negro. E que cada três assassinatos envolvendo jovens dois são negros. Mas principalmente comecei a ver as mulheres negras com outro olhar. (Aluno Negritude)²⁷.

A notoriedade da disciplina dentro do curso de disciplina mostra através da explicitação de sua fala “*Quando terminei a leitura eu era outro homem tinha sido “alçado”, não pertencia a uma posição apenas, a saber: a de ser humano, eu agora tinha outro grupo, eu era um homem negro.*” Este processo de práxis e vivência na disciplina ao debruçar em teóricos da temática, conhecimento da Lei 10.639/2003, apresentou ao aluno a possibilidade de formar ou auxiliar na formação, de entender a realidade do ser negro, desde escravidão até os dias atuais, retirando as influências eurocêntricas, no qual propiciou um novo ator para trabalho pedagógico qualificado para o trabalho com a perspectiva da Educação étnico – racial na escola.

A fala do discente também retrata a desigualdade social, o tratamento e oportunidades diferenciadas do negro e ser negro no XXI, ao transcorrer o posicionamento “*Comecei a perceber que quem morre sem atendimento médico é o negro, quem anda de ônibus superlotado é o negro. E que cada três assassinatos envolvendo jovens dois são negros.*”

Partindo destes posicionamentos relatados e entre outras situações que envolviam a disciplina transcorria a possibilidade de se pensar e propor ideias e práticas pedagógicas positivas que realçam os afro-brasileiros de forma potente e sem fragmentações e valores de segunda ordem, quando não invisíveis.

Enquanto professor de História e Cultura Afro-brasileira presenciei várias experiências e aprendizados como profissional e como afro-brasileiro. Os educandos, muito dos quais já

²⁷ Nome fictício

docentes, enriquecem a aula exemplificando ora suas agruras do racismo e de outrem, ora práticas transformativas de professores e de alunos vistas a uma realidade sem práticas racistas. (Docentes Práticas Afro-brasileiras)²⁸

Diante desta fala a relevância histórico-pedagógica deste conjunto de trabalhos, agora, emerge a medida que constatamos os efeitos nocivos da tradição escravocrata, racista e eurocêntrica na formação dos profissionais da educação e nas práticas educativas nos/dos cotidianos escolares no Brasil. Se por um lado reconhecemos que na escola dialogamos desde a infância com interlocutores eurocêntricos, tais como o currículo escolar, o material didático e as práticas curriculares, hoje, é possível reconhecer, que, no Brasil, vivemos um momento ímpar na educação brasileira: nunca termos como diversidade, africanidades, multiculturalismo, relações étnico-raciais e equidade social estiveram tão evidentes entre os profissionais desta área do curso em licenciatura.

Um movimento antagonico de história da Cultura Afro-Brasileira é perceptível no cotidiano escolar, os docentes que não possuem a formação necessária, evidencia práticas de exclusão, na fala, a coordenadora do núcleo Estudos Afro-Brasileiro referente a escola, explícita duas questões que têm sido muito recorrentes nas pesquisas feitas no contexto da intolerância.

[...] O aluno se recolheu para o Santo ficou um tempo recolhido, quando voltou tem uma serie de preceitos: Usar cordão, roupa branca, não encosta na cabeça deles, ele chegou a escola a crianças caiam em cima deles. Tivemos que ir à escola conversar com a professora, pedagoga, diretora criar uma relação no direito da criança, no direito dela. No ano seguinte veio uma colega me ligou e perguntou sobre a questão de religião na escola, eu comentei este caso, pedi que ela fosse conversar com a diretora da escola, ela (a diretora) negou tudo. (Coordenadora Umbuntu)

²⁸ Nome fictício

Quando a coordenadora Umbuntu descreve: “*O aluno se recolheu para o Santo,*” ela descreve sobre os preceitos de recolhimento do candomblé, no qual a o aluno teve que ficar recolhido dentro do terreiro, fazendo uma série de preceitos para se tornar filho de Santo, daquela casa, pós essa etapa voltando para instituições sociais conforme a religião afro no caso específico do Candomblé, alguns preceitos são resguardados como roupa, o não por a mão na cabeça (Ori) entre outros fatores, motivo que ao retornar para a escola foi ao alvo de ataque verbal, e intolerância religiosa, a incapacidade da escola incluir nas pautas de sua gestão in loco a temática intolerância para minimizar fatos preconceituosos, o trabalho pedagógico ao conceito de diversidade religiosa, no intuito de incluir discentes pertencentes da religião de matriz africana, romper preconceitos existentes por falta de diálogo, o auxílio e intervenção de setores educacionais de hierarquia, como neste caso a Coordenação Municipal de Estudos Étnico-Raciais. Será tão complexo assim aceitar alunos pertencentes de umbanda e Candomblé nas escolas? E o ensino religioso auxiliar em pautas tão complexas será alguém procurou este docente para a intervenção?

A segunda questão importante pode ser explicitada no seguinte trecho da fala da coordenadora: “*No ano seguinte veio uma colega me ligou e perguntou sobre a questão de religião na escola, eu comentei este caso, pedi que ela fosse conversar com a diretora da escola, ela (a diretora) negou tudo*”. Nesse ponto chegamos ao processo dessa fala à importância da “negação” gerando uma falsa democracia racial, que nada sobre exclusão ocorreu neste âmbito, denunciando quanto é necessário produzir academicamente e refletir sobre a escola como um espaço de propagação da intolerância religiosa, frente à matriz afro- religiosa.

E como este espaço pode ser mediado para uma intervenção de um discurso multi/religioso, é não como um espaço que prega laicidade, coloca as crianças em filas indianas e rezam orações que não fazem parte do contexto da minoria que pertence a escola, porem tem direito a um espaço de saber qualificado sem inferiorizar a sua pertença religiosa.

Conclusões

Nesta conjuntura este trabalho mostrou o quão é necessário, debater, teorizar, pesquisar sobre africanidade (s) no âmbito de compreender a riqueza do legado da cultura afro-brasileiro, retirar as mazelas e estereótipos criados partindo de um processo colonial,

isto na formação docente e práticas escolares são urgentes, são fundamentais, seus pressupostos religiosos também compõe o espaço educacional, como âmbito de democratização e inclusão social, tentando retirar as amarras históricas inserido no processo educacional do Brasil fundado num catolicismo revestido de aculturação do povo indígena e negro. O processo de desmistificação da cultura afro-brasileira a partir da problematização dos caminhos das diversas formas de escravidões seja: física, que foi prática no período colonial, eugênica que a ciência tentou comprovar a inferioridade do negro partindo de capacidades cognitivas, psicológica que perpassam as duas e se fortifica no século XXI, levam ao encontro da intolerância religiosa, é fundamental, para desvelar a cristalização do conhecimento e descrever uma nova práxis da história da cultura afro brasileira, faz-se urgente, antes se viam nuances do preconceito e racismo perpetuados pela visão eurocêntrica, na atualidade essas atitudes se reconstróem em diversas proporções reproduzindo um pensamento colonial, celebrando o antagonismo.

Uma contra conduta propõe que aprendemos em movimentos de constância com os pares, repensamos as atitudes, através de um movimento dialético da práxis, um dos pontos cruciais da escola é de (re)construir saberes necessários para promover novas práxis dentro do âmbito escolar, o desconhecido da história gera para além de apagamentos, silenciamentos e falas negativas, é necessário a escola ser utilizada como espaço de construção de saberes emancipatórios para práticas de inclusão e aceitação da diversidade religiosa, pois mesmo num país que se prega como laico de modo constitucional, os praticantes de religião afro que frequentam a escola sofrem o custo da intolerância cotidianamente.

Neste processo, compreender o que ocorre na formação de docente inicial para minimizar a barbárie da intolerância religiosa é crucial, como de modo significativo dialogar o que construído na escola, o processo das relações étnicas e intolerância religiosa no espaço escolar tem que se construir múltiplos saberes/fazer, para minimizar a exclusão.

Referências

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* – LDB Lei nº 9394/96.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e

bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>.

_____. IBGE - *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* - 2014. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/pnad/2014>.

_____. *Brasil Censo Escolar*. Disponível em: <http://inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 20 de março de 2018.

CAPUTO, Stela, Guedes. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. Rio de Janeiro. Pallas, 2012.

CARVALHO, Janete, M. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; DF: CNPq, 2009.

JORNAL A GAZETA. *Pastor retira boneca afro em creche de Vitória e diz ser “símbolo de macumba”*. Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/pastor-retira-boneca-afro-em-creche-de-vitoria-e-dizer-simbolo-de-macumba.ghtml>. Acesso em :20de março de 2018.

LOPES, Maura Corcini. *Inclusão e Educação*. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

MACHADO, Sandra. *Uma cartografia da produção do racismo no currículo vivido no cotidiano escolar do ensino fundamental*. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5981_Sandra%20Maria%20Machado.pdf. Acesso em: 04 de fevereiro de 2018.

MELO, E. S. N. A prática pedagógica: tessituras e reflexões a partir das experiências no PIBID – Pedagogia/UFRN. *Anais do XVI ENDIPE*, Campinas: 2012.

Menina praticante de candomblé e agredida por intolerância religiosa. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/10/menina-praticante-de-candomble-e-agredida-por-intolerancia-religiosa.html>. Acesso em: 20 de março de 2018

MUNANGA, Kabengele. *Diversidade, Identidade, Etnicidade e Cidadania*. Disponível em www.acaoeducativa.org.br/.../Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade. Acesso em:20 de março de 2018.

PIRES, Thula Rafaela De Oliveira; MORETTI, Gianna Alessandra Sanchez. *Escola, lugar do desrespeito: intolerância contra religiões*

de matrizes africanas e escolas públicas brasileiras. Revista de direitos humanos e efetividade, Brasília, v. 2, n.1. Disponível em: indexlaw.org/index.php/revistadhe/article/download/1062/1057>. Acesso em: 12 jan. 2012.